

TONGOBRIGA. Breves Reflexões

Lino Tavares Dias,
IPPAR, Porto, Maio 2003. 100 p.

Ao ver que o presente volume de *Biblos* tinha por tema principal «cultura e desenvolvimento», propus-me tecer algumas considerações, em jeito de recensão, ao livro em epígrafe, pois que as reflexões nele contidas se ajustam cabalmente nessa temática, do prisma da actividade arqueológica.

Na verdade, estas «breves reflexões em 2003 d. C., a propósito de Tongobriga», título mais completo que o autor preferiu inscrever no rosto do livrinho, abordam, no fundo, esta problemática: para que serve escavar um sítio arqueológico? Que espera a comunidade da sua valorização e do seu estudo? Contribuem as actividades arqueológicas para se criar Cultura, para se fomentar Desenvolvimento?

E Lino Tavares Dias está numa posição privilegiada para nos guiar nessa tomada de consciência, atendendo a que é, simultaneamente, o director regional do IPPAR (Instituto Português do Património Cultural) no Norte do País; o arqueólogo que escavou a referida cidade romana; o docente de Arqueologia e director da Escola Profissional do Freixo, adscrita àquele sítio arqueológico, a primeira escola que, em Portugal, se encaminhou no sentido da formação prática de arqueólogos, conferindo oficialmente o diploma de «assistente de arqueólogo». Aliás, essa análise reveste-se de particular pertinência num momento em que se discute a adesão das universidades aos princípios propostos na Declaração de Bolonha e se reivindica o papel diferente que detém a formação em Arqueologia, no seio das Ciências Sociais e Humanas, por implicar uma vertente prática, de ‘credenciação’ oficial para o exercício da actividade de arqueólogo.

Deliberou Lino Tavares Dias reunir em livro – no quadro de programas comunitários de apoio à cultura – intervenções de variada índole, que fora chamado a fazer, no exercício das suas funções:

– «Breves reflexões sobre a actualidade do passado. Os espaços comuns em que nos integramos: o império romano e a união europeia! Algumas estratégias de construção» (p. 23-43) foi o assunto que abordou,

em 2001, convidado, como representante do Ministério da Cultura, para o Curso de Auditores da Defesa Nacional;

– «Área Arqueológica de Freixo, o sítio da Escola Profissional de Arqueologia» (p. 45-56) resulta, como o próprio autor esclarece, «de um somatório de participações que tive em resposta a convites de departamentos da Universidade Autónoma de Barcelona (Novembro 2000) e da Universidade de Santiago de Compostela (Maio 2001), com o intuito de apresentar os fundamentos de “inovação” da Escola Profissional de Arqueologia, vertidas em 2002 para texto a convite da Direcção Regional de Educação do Norte»;

– «Breves reflexões sobre perspectivas de valorização de monumentos e sítios romanos» (p. 59-64), «foi motivado», segundo informação expressa do autor, «por um convite da Universidade Portucalense para ajudar a reflectir sobre as formas de intervir no património “clássico” numa região em que ele não abunda mas onde teve um papel importante no macro-ordenamento do território, embora não totalmente entendido e interpretado, o que não só justifica como exige a continuidade da investigação»;

– finalmente, os dois últimos textos, «A oportunidade do III Quadro Comunitário de Apoio para a recuperação e valorização do património» (p. 67-71) e «Área Arqueológica do Freixo. Futuro?» (p. 73-88), inserem-se numa óptica de «obrigação» de apresentar prospectivamente a Área Arqueológica de Freixo como sítio patrimonial “no futuro”».

A preceder estes capítulos (p. 13-20), «uma síntese actualizada dos resultados que a investigação da cidade romana nos tem proporcionado». A separar cada um, fotografias artísticas, a preto e branco, sem legenda, da autoria de João Paulo Sotto Mayor, a mostrar como pedras à primeira vista frias, inertes, também poderão seduzir pela beleza do seu significado. E perpassam por todas as páginas os valores que, no entender do autor (e muito bem!), hoje se revêem no Património em sentido amplo (p. 10):

– o valor identitário: «elemento gerador de imagem e de identidade do território»;

– o valor económico: «gera oportunidades de negócios e, assim, converte-se em lugar de emprego e de atractividade»;

– o valor social: «o desenvolvimento de um projecto de valorização de Património contribui para melhorar a qualidade de vida da população».

Juntam-se, pois, aqui as mais diversas perspectivas, nem sempre fáceis de assumir, como se compreende. O discurso para quem se interesse pelas estratégias de defesa quer territorial quer identitária a

partir de uma análise do que foi a estratégia dos imperadores romanos – e hoje cada vez mais se insinua no nosso espectro conceptual uma identidade entre Império Romano e União Europeia... – difere, obviamente, do fio condutor de uma argumentação em prol do crescimento de uma escola profissional. A oralidade, por seu turno, apoiada amiúde em textos literários contemporâneos e/ou de reflexão quase de índole filosófica, quando vertida a escrito, poderá sofrer de algumas distorções, que constituirão, afinal, outros tantos motivos de novas consciencializações.

Vejam-se, a mero título de exemplo, duas passagens do referido contributo no curso organizado pelo Instituto da Defesa Nacional. Quase no final, citando Marco Aurélio, o imperador-filósofo, Lino T. Dias afirma que «mais difícil do que a coesão económica é a conciliação de atitudes e comportamentos entre os membros da União Europeia», explicitando:

«No século II depois de Cristo como na actualidade esta é a forma mais complexa de coesão, pois é no âmbito dos comportamentos humanos, manifestando-se nas atitudes políticas» (p. 43).

E conclui, após uma referência à decisão de se alargar a UE:

«Mas reconheçamos que o Império Romano também foi extenso e também não foi propriamente coeso; no entanto, marcou o mundo durante séculos e deixou heranças insuperáveis».

Uma conclusão a suscitar outros patamares de discussão e desenvolvimento; uma frase que exemplifica, por outro lado, a circunstância de não ter sido possível – apesar da extensa ‘corrigenda’ – proceder a outra revisão do texto¹.

Não há dúvida, porém, que esta reflexão sobre a actualidade da História Antiga poderá corresponder, nestes primórdios do século XXI, a uma imperiosa necessidade conceptual perante o fenómeno da globalização. Maria Helena Rocha Pereira e seus discípulos têm demonstrado exemplarmente a perenidade da Cultura Clássica no pensamento e na literatura²; o Instituto de Estudos Clássicos da nossa

¹ Aqui e além, alguns nomes latinos vão carecer de correcção: assim, fronteiras é *limites*, o plural de *limes* (p. 29); direito latino (p. 33), *ius Latii*. Na extensa bibliografia (p. 91-99), haverá também emendas a corrigir numa eventual 2ª edição: alguns autores citados nela não figuram (Schulten, Beirante e Custódio 1979, Natália Correia 1988, Alexandre O’Neill 2000...); há, na p. 94, a referência a um Etnológico de José Pedro Machado que à primeira vista se não entende; M^a Lourdes Albertos Firmat, espanhola, deve vir alfabetada em Albertos; também não deixa de ser ‘estranho’ citar ‘Marco Aurélio 1995’, tratando-se de uma edição recente do texto de um imperador romano do século II...

² Já o salientou José Ribeiro Ferreira (*in Humanitas* 47 1995 12-13). Seja-me lícito assinalar, entre muitos outros estudos da Doutora Maria Helena Rocha Pereira passíveis de

Faculdade e o Centro de Estudos Clássicos, de parceria com a Associação de Estudos Clássicos, estudam, de há vários anos a esta parte, nomeadamente através da realização de reuniões científicas, a íntima correlação entre a Antiguidade Clássica e os tempos hodiernos. Ainda agora – 30 de Junho/1 de Julho 2005 – o tema de um congresso foi «Génese da Ideia de Europa. O Mundo Romano». E já em 1988 em Coimbra se reunira o Congresso Internacional «As Humanidades Greco-Latinas e a Civilização do Universal», onde tal interligação foi sobejamente acentuada. Vasco Mantas – que fez o curso de auditor de Defesa Nacional – tem, por seu turno, sublinhado largamente a permanência da tradição clássica e seus modelos na actualidade³. Eu próprio, num domínio diferente, o tenho realçado também⁴. E no mesmo sentido foi o V Congresso da Sociedade Brasileira de Estudos Clássicos, reunido em Pelotas (Rio Grande do Sul, Brasil), de 15 a 20 de Setembro de 2003, subordinado ao tema «Fronteiras e Etnicidade».

O segundo aspecto a realçar deste conjunto de reflexões de Lino Tavares Dias é, sem dúvida, a importância do património arqueológico como fomentador de identidade. Não se nos estranhará, conseqüentemente, que, por exemplo, um livro de prestígio como o que a Câmara Municipal de Arouca acaba de lançar (em Março de 2005, com data de 2004), coordenado por António Manuel S. P. Silva, se intitule *Memórias da Terra – Património Arqueológico do Concelho de Arouca*.

E se aí nos encontramos no domínio cultural, o terceiro tópico a relevar no livro é o que se prende com o projecto que, desde 1980, se está a desenvolver em *Tongobriga*.

Sitas na freguesia do Freixo, concelho de Marco de Canaveses, as ruínas vieram a assumir grande importância no contexto arqueológico nacional, por as escavações sistemáticas nelas efectuadas terem revelado a existência de uma cidade, com suas termas, o circo, o teatro (ainda por escavar, mas já identificado), o fórum.... As informações documentais e, sobretudo, o achado de uma epígrafe dedicada ao *Genius*

referência: «Les fondements classiques de l'idée européenne», *Humanitas* 49 (1997) 25-39; «A luz da Grécia» in *Homenagem a Sophia de Mello Breyner* (Actas do 5º Encontro de Professores de Português, “A língua mãe e a paixão de aprender” 3 & 4 de Maio de 2000), (Lisboa, Areal Editores 2001) 25-32; «Unité et pluralité culturelle: le paradigme de l'Empire Romain face aux défis de l'Union Européenne», *Máthesis* 13 (2004) 265-275.

³ Cf., entre outros: «Arqueologia e História Antiga: dos monumentos aos homens de ontem e de hoje in José d'Encarnação (coord.), *As Oficinas da História* (Lisboa, Maio 2002) 103-129 «O Atlântico e o Império Romano», *Revista Portuguesa de História* 36 (2002-2003) 445-467; “Cidadania e Futuro” in *Actas do VII Congresso de Auditores dos Cursos de Defesa Nacional* (Lisboa, 2003) 49-57 «Oriente e Ocidente. Breves reflexões sobre uma longa história», *Biblos* n. s. II (2004) 59-97.

⁴ «Atualidade da História Antiga», *Phoenix*, Rio de Janeiro, 9 (2003) 385-387.

Toncobricensium, o Génio dos Toncobrigenses, justificam a identificação. Lino Tavares Dias viria a fazer sobre a cidade a sua dissertação de doutoramento, que – sob o título *Tongobriga* – seria publicada, em 1997, pelo IPPAR. Os trabalhos aí levados a efeito justificaram a criação da Área Arqueológica do Freixo, dependente do IPPAR, e o nascimento da Escola Profissional de Arqueologia. E aí se tem desenvolvido toda uma acção dinâmica de promoção social e de desenvolvimento, através de adequada gestão integrada dos vestígios arqueológicos, sua valorização e divulgação.

Por consequência, embora contenha capítulos por assim dizer autónomos – porque nascidos de circunstâncias diversas –, a obra acaba por abordar enriquecedoras temáticas afins. E o nosso voto é de que o «exercício prospectivo» proposto para 2007 (p. 85-86) rapidamente se transforme em realidade, no usufruto pleno de um sítio bem singular, inclusive com a sua basílica paleocristã recém-descoberta sob a igreja paroquial.

[*Biblos* III 2005 331-335]